

# O campo na cidade

Josaphat Marinho

**CORREIO BRAZILIENSE**



O deslocamento de centenas de veículos pesados, de propriedade de agricultores, para Brasília, em sinal de protesto por dificuldades no campo, merece reflexão acima do comum. A ocupação da praça dos Três Poderes, na capital da República, por multidão do meio rural com seus caminhões e tratores, vindos de diversos estados, é fato excepcional. Por sua expressão material e pelo sentido de reivindicação coletiva, o acontecimento requer consideração imparcial, ou serena. Tanto mais apreciável é o episódio porque o movimento foi marcado por decisão firme e espírito pacífico. A clareza de atitude dispensou gestos de violência, ou de incivildade. O que interessava era o diálogo, o esclarecimento na busca de solução adequada a problemas angustiantes.

As questões prementes envolvem os obstáculos prolongados à segurança da produção agrícola. Escassez de crédito em condições razoáveis e rápidas. Demora de medidas administrativas que facilitem a liquidação ou a redução de débitos originários da atividade rural. Vários agricultores declararam que não pleiteavam perdão de dívida, mas o auxílio governamental para diminuição dos sofrimentos vividos e garantia da renovação das culturas. De todos os reclamos, enfim, emergia a alegação de que não pediam apenas em defesa de interesses privados, e sim em benefício também da produção agrícola e de sua renovação constante. O favor pessoal ou à categoria traduz apenas a forma conveniente de resguardar a lavoura, como fonte de riqueza e de abastecimento da população.

Sem patrocinar os direitos dos agricultores, nem suas razões, cabe considerá-los, no plano do interesse público social. Sem dúvida, o governo mesmo admite que a economia rural tem pago elevado encargo à manutenção do real e ao domínio da inflação. De modo geral, os preços não são excessivos na base produtora, mas entre a intermediação e os revendedores. De outro lado, preços de produtos nacionais são depreciados pelo ingresso no mercado de similares importados. Influem ainda na produção e em sua comercialização os fatores da natureza, ora seca, ora chuva em demasia, conforme as regiões. Certo é que o trabalho na agricultura está sujeito a circunstâncias prejudiciais diversas, sem que sejam desconhecidos ou subestimados os erros e desvios do homem.

Nesse quadro, muitas vezes superior à capacidade de proprietários, resta o poder de cooperação do governo, sem concessão de privilégios condenáveis. Acudir com providências especiais a situações extraordinárias não significa ferir o princípio de igualdade, antes o aplicar com inteligência objetiva. Trata-se com desigualdades casos desiguais. Não se afirma, aqui, que o poder federal venha desatento à agonia dos agricultores. Deve haver, porém, um

desencontro entre a iniciativa governamental e as reiteradas solicitações dos agricultores, do norte e do sul, como dos plantadores de soja do oeste baiano. Se não ocorresse tal desencontro, dificilmente o ato de protesto e reivindicação teria a dimensão alcançada. Para as ações coletivas prepara-

das, e não súbitas, o êxito depende muito da confluência de espíritos portadores de necessidades e sentimentos generalizados. O governo há de estar tanto mais atento às peculiaridades da questão, para evitar que ela se agrave, em face de outros embaraços em curso, e que a imprensa vem repercutindo. O desequilíbrio da balança comercial. O aumento do desemprego na indústria. A concessão de férias coletivas pelas empresas, indicado a exigência de estancamento da produção. O crescimento do número de cheques sem fundo e dos devedores de compras em prestações. A ampliação das dificuldades de sobrevivência de empresas, nos diferentes setores dos negócios. As demissões no Banco do Brasil, que atingem, como as da indústria e do comércio, as pessoas dependentes, em cada família. O enfraquecimento constante da classe média. A abusiva taxa de juros. A esses indicadores de crise não é conveniente que se some a aflição de agricultores, que não se confundem com oportunismo de "ruralistas". Quando o campo, comumente disperso e tolerante, se desloca em massa para a cidade, há uma inquietação, que deve ser sanada.

Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia